

A potencialidade da teoria da linguagem benvenistiana para o estudo da relação língua-indivíduo-sociedade: o caso dos estrangeirismos no português brasileiro contemporâneo

The potentiality of Benveniste's theory of language for studying the language-individual-society relation: the case of loanwords in contemporary Brazilian Portuguese

Carolina Knack¹

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
carolinaknack@gmail.com

Carmem Luci da Costa Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
clcostasilva@hotmail.com

Giovane Fernandes Oliveira³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
gio.ufrgs@gmail.com

Resumo: Este estudo, à luz da Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, objetiva investigar um fenômeno de linguagem no português brasileiro contemporâneo: a incorporação de estrangeirismos no meio jornalístico digital, especificamente, a incorporação da expressão *fake news*. Para tanto, exploram-se as relações entre língua, indivíduo e sociedade a partir dos pares conceituais *enunção-discurso*, *forma-sentido*, *sintagmatização-semantização* e *língua-sociedade*, integrantes da reflexão benvenistiana, com base nos quais se analisam,

¹ Docente do Instituto de Letras e Artes (ILA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ Doutorando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

em seguida, manchetes que contêm a expressão *fake news*, publicadas em 2017, 2018 e 2019, nos jornais digitais *Folha de S. Paulo* e *GaúchaZH*. O exame dos recortes enunciativos revela movimentos discursivos que denunciam que o lexema carrega o valor que tem enquanto signo na língua e na sociedade de origem, mas é preenchido por outros sentidos ao se sintagmatizar no discurso com as formas da língua de chegada, interpretante de outra sociedade. Nesse movimento de incorporação do estrangeirismo, o léxico da língua de chegada expande-se e possibilita novos agenciamentos sintagmáticos.

Palavras-chave: enunciação; língua; estrangeirismos.

Abstract: This study, based on Émile Benveniste's Theory of Language, aims at investigating a language phenomenon in the context of contemporary Brazilian Portuguese: the incorporation of loanwords in digital newspapers, more specifically, the incorporation of the expression *fake news*. To achieve this, the paper explores the relations between language, individuals and society from the conceptual pairs *enunciation-discourse*, *form-meaning*, *sintagmatization-semanticization* and *language-society*, which integrate Benveniste's theoretical postulations and from which this study analyzes newspaper headlines that contain the expression *fake news*, published in 2017, 2018 and 2019, in the following newspapers: *Folha de S. Paulo* and *GaúchaZH*. The examination of these enunciative clippings discloses discursive movements that highlight that this lexeme has a value as a sign in its language and society of origin, but it is filled by other meanings when it is syntagmatized in discourse through the forms of the target language, serving as interpreter of another society. In this movement of incorporation of this loanword, the lexicon of the target language enlarges and triggers new syntagmatic agencies.

Keywords: enunciation; language; loanwords.

Considerações iniciais

Neste estudo, ancorado na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, especialmente em sua reflexão enunciativa em diálogo com sua discussão sobre a relação entre língua, indivíduo e sociedade, propomos investigar um fenômeno de linguagem no português brasileiro contemporâneo: a incorporação de estrangeirismos no meio jornalístico digital.

Temos percebido, nesta era das tecnologias digitais, uma explosão de novos modos de enunciação, em que, cada vez mais, formas de uma língua transitam para outra. Se, como defende Benveniste, língua e sociedade são indissociáveis, é interessante verificar como as formas de uma língua-idioma ligadas à sociedade dessa língua transitam para outra língua-idioma e outra sociedade. Considerando essas relações mútuas, entendemos que os estrangeirismos se vinculam a um dos grandes problemas de linguagem que podemos inserir no eixo que Benveniste (1995),

no Prefácio de *Problemas de Linguística Geral I (PLG I)*, chama de “subjetividade e socialidade”. É também neste Prefácio que o linguista destaca seu interesse por estudar “os métodos da reconstrução semântica, assim como a gênese de alguns termos importantes da cultura moderna”, de modo a evidenciar “o papel da significação e da cultura”. Com essa descrição, o estudioso situa os artigos que compõem a sexta parte de *PLG I e II*, intitulada por ele de “Léxico e Cultura”. O léxico, de fato, configura-se como objeto de teorização e de análise para o autor, de maneira que é a partir de sua abordagem semântica que propomos, neste trabalho, examinar a entrada de um estrangeirismo no português brasileiro contemporâneo, visto aqui como um idioma empírico e histórico, que se modifica à medida que os indivíduos, na relação com essa língua, que interpreta a sociedade, também mudam seus modos de enunciação.

Como os estrangeirismos são amplamente explorados e diferentemente classificados em distintas abordagens, consideramos a categorização proposta por Biderman (2001). Essa autora concebe três modos de presença de estrangeirismos no português brasileiro: 1) decalque – versão literal do lexema-modelo concretizado –, em que o vocábulo retém marcas literais da palavra estrangeira, caso de “grande prêmio”, ligado a “grand-prix”; 2) adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, caso de “boicote” (“boy-cott”); 3) incorporação do vocábulo com a sua grafia original, caso de “check-up”.

Essa classificação nos possibilita situar a forma estrangeira escolhida para o presente estudo como *incorporação*, por ela comparecer com sua grafia original ao se combinar com formas nativas do português brasileiro em discursos jornalísticos: trata-se da expressão *fake news*. Diante de seu atual e frequente emprego em tais discursos, perguntamo-nos: *como essa forma incorpora-se ao português brasileiro contemporâneo em jornais on-line? Como ela se relaciona com outras formas para produzir sentidos no discurso?*

Para responder a essas questões, articulamos teoria e análise: i) teoricamente, exploramos os pares conceituais *enunciação-discurso*, *forma-sentido*, *sintagmatização-semantização* e *língua-sociedade*, com base nos artigos *O aparelho formal da enunciação* (1970), *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), constantes em *Problemas de Linguística Geral II* (Benveniste, 1989)⁴; ii) analiticamente, partimos da leitura de jornais *on-line* de duas capitais brasileiras – *Folha de S. Paulo* (São Paulo-SP) e *Gaúcha ZH* (Porto Alegre-RS) –, focalizando manchetes e linhas finas dos anos de 2017, 2018 e 2019 com a presença da expressão *fake news*. A partir dos recortes selecionados, observamos o modo como neles se dá a sintagmatização para a produção de sentidos vinculados à sociedade brasileira, de maneira a evidenciar os movimentos de incorporação dessa forma estrangeira ao português brasileiro contemporâneo.

⁴ A obra *Problemas de Linguística Geral (PLG)*, em seus dois volumes (I e II), reúne artigos publicados originalmente por Benveniste em distintos suportes e em distintos anos. A fim de respeitar a diacronia do pensamento do autor, quando são citados seus textos, ao lado do título do artigo em questão, costuma-se referir o ano original de sua publicação, acrescido do ano da edição consultada de *PLG*, tal como explica Flores (2013). Porém, atendendo-se a exigências editoriais, será utilizado neste trabalho apenas o registro do ano da edição consultada de *PLG II*, obra traduzida e publicada no Brasil em 1989 e que reúne os artigos que serviram de base a este estudo. Além disso, é feita menção ao prefácio do *PLG I*, quarta edição da obra traduzida e publicada no Brasil em 1995.

Do discurso à sociedade: o estrangeirismo como marca do humano na linguagem

A explosão de novos modos de enunciação na sociedade atual parece promover cada vez mais o trânsito de formas de uma língua para outra. Para pensarmos, enunciativamente, sobre como uma forma incorporada se relaciona com outras para produzir sentidos, consideramos importante abordar o universo do discurso, no qual a língua se encontra empregada para estabelecer certa relação com o mundo. De acordo com Benveniste (1989), é para estabelecer essa relação que o locutor tem a necessidade de referir pelo discurso para possibilitar ao outro correferir. Para tanto, mobiliza os instrumentos linguísticos de realização da enunciação, por meio dos quais enuncia a sua posição de locutor e implanta o outro diante de si.

A cada ato de enunciação, ao viver o “agora” na linguagem, o locutor instaura-se “em uma relação de diferença entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (Benveniste, 1989, p. 86). Por isso, “continuidade e temporalidade” se “engendram nesse presente da enunciação” (Benveniste, 1989, p. 86), o que demonstra nossa historicização na linguagem, isto é, nossa constituição subjetiva a cada enunciar, que é, sim, única, mas também marcada pela historicidade dos discursos que precedem o nosso próprio. Isso porque cada enunciação se inscreve numa continuidade temporal que nos situa, a um só tempo, como sujeitos no discurso e como participantes na sociedade.

O mecanismo de produção da enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, em relação à qual Benveniste (1989) chama a atenção para a observação dos “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (Benveniste, 1989, p. 83). É por esse engendramento de formas produtoras de sentidos, ou seja, pelo modo como as formas se sintagmatizam para produzirem sentidos que podemos verificar a maneira de incorporação de estrangeirismos ao português brasileiro, como a expressão *fake news*.

A questão da significação está no centro da discussão sobre os dois modos de ser língua nas modalidades fundamentais da função linguística: a de significar por meio de signos partilhados (modo semiótico ou língua-sistema) e a de comunicar por meio de discursos (modo semântico ou língua-discurso). É nesse domínio semântico, cuja base é o domínio semiótico, que a língua exerce a sua função mediadora – nas relações homem-homem e homem-mundo – via discursos como produtos da enunciação, vale dizer, como resultados da atividade do locutor que coloca a língua em funcionamento.

O sentido no domínio semântico, decorrente do agir do locutor sobre a língua, corresponde à ideia de um discurso, que se configura como tal “pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (Benveniste, 1989, p. 230). Se o sentido da frase (concebida por Benveniste como discurso) é a ideia advinda desse agenciamento de formas pelo locutor, o sentido da palavra é o seu emprego. Por isso, a sintagmatização (agenciamento de formas) e a semantização (produção de sentidos) nos discursos tornam-se operadores teórico-analíticos fundamentais nessa reflexão sobre a incorporação de um estrangeirismo ao português brasileiro.

Por considerarmos que esses discursos estão em relação de continuidade/historicidade e são reveladores de uma subjetividade que se produz na socialidade, pensamos que os estrangeirismos ates-

tam que “a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (Benveniste, 1989, p. 233-234)⁵.

Assim, compreendemos que a expressão estrangeira incorporada, embora resguarde parte do valor que tem na língua e na sociedade da qual parte, ao transitar para o discurso em outra sociedade e combinar-se com formas de outra língua, é “carregada de valores novos”. Isso porque, segundo Benveniste, língua e sociedade estão em uma relação semiológica, a saber, a relação do interpretante (a língua) com o seu interpretado por excelência (a sociedade). E, como a língua engloba a sociedade, ao mesmo tempo em que a configura pelo “semantismo social”, tratar da língua em emprego implica tratar de “suas relações com as normas e representações sociais que formam a cultura” (Benveniste, 1989, p. 98) de dada sociedade.

O discurso, portanto, dá a ver, em seu funcionamento (inter)subjetivo e referencial, “uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (Benveniste, 1989, p. 101) e inserem o indivíduo na sociedade como participante. Por esse prisma, podemos vislumbrar as determinações sociais da significação, em especial, neste estudo, as produzidas pela incorporação da expressão estrangeira.

Da enunciação ao discurso: empregos da expressão *fake news* em discursos jornalísticos brasileiros contemporâneos

A breve teorização sobre a relação enunciação-estrangeirismo desenvolvida na seção anterior fundamenta a análise à qual procedemos neste estudo. Essa análise tem como *corpus* um conjunto de fatos de linguagem coletados em jornais *on-line* de duas capitais brasileiras – *Folha de S. Paulo* (São Paulo – SP) e *Gaúcha ZH* (Porto Alegre – RS). Tais fatos consistem em manchetes e linhas finas (subtítulos) de matérias jornalísticas publicadas nas duas páginas, nos anos de 2017, 2018 e 2019, e selecionadas por conterem a expressão *fake news*.

Cada um desses fatos constitui um *recorte enunciativo*, aqui assumido como unidade de análise e concebido como um enunciado que retém as marcas de sua enunciação. A partir de tais marcas, analisamos os empregos da forma estrangeira, a fim de descrever e explicar seus modos de incorporação ao português brasileiro. Nessa análise, sintagmatização e semantização funcionam como operadores, que associamos à noção de *procedimentos acessórios*, modos “pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (Benveniste, 1989, p. 83) para a produção de sentidos, conforme seção anterior.

⁵ O sintagma *significação intencionada* consta, na edição francesa original, como *signification de l'intenté*, de modo que sua tradução mais adequada seria *significação do intentado*. Essa adequação se justifica também pelo fato de a noção de *intentado*, em Benveniste, não se confundir com a noção de *intencionalidade*, a qual subjaz à concepção pragmática de sujeito estrategista. Distintamente dessa visão empiricista, que supõe um indivíduo consciente que utiliza a língua como instrumento de comunicação, Benveniste concebe o *intentado* como uma *semântica própria* construída pela língua-discurso, isto é, como uma significação singular não preexistente à enunciação, mas dela decorrente, bem como o sujeito – visto não como ser empírico, e sim como o resultado da apropriação da língua pelo locutor, portanto como um efeito de linguagem.

O exame dos procedimentos acessórios estruturantes dos recortes enunciativos viabiliza, de um lado, uma descrição linguística das ocorrências da expressão *fake news* e, de outro, uma explicação dos movimentos discursivos subjacentes a tais empregos. Passemos, pois, a esses recortes.

Empregos da expressão *fake news* em 2017

Nos recortes enunciativos de 2017, destacamos dois movimentos discursivos: 1) sinalização do ingresso do estrangeirismo *fake news* nos discursos em português brasileiro; e 2) apresentação das *fake news* como problema a ser combatido.

O primeiro movimento discursivo é caracterizado pelo emprego de pontuação, no caso o das aspas simples e duplas para a grafia da expressão *fake news*. Como os recursos de pontuação são inerentes ao ato enunciativo de escrita, propomos considerá-los como procedimentos acessórios da enunciação escrita, responsáveis pela construção de sentidos na sintagmatização das formas no enunciado. De que modo as aspas, engendrando-se às demais formas do enunciado, produzem sentidos?

Uma rápida pesquisa na *Folha de S. Paulo* atesta apenas seis ocorrências de uso da expressão *fake news* em 2016. O ano de 2017 assinala, portanto, um momento de transição, materializado nos enunciados por meio do emprego da expressão com aspas, recurso que assinala o ingresso, nos discursos em língua portuguesa, de uma palavra relativa a um signo não pertencente ao semiótico dessa língua.

Se o emprego das aspas demarca a fronteira entre duas línguas, o português e o inglês, o mesmo não se pode dizer em relação às fronteiras entre as sociedades brasileira e estadunidense e às determinações sociais da significação da expressão. A expressão *fake news*, frequentemente utilizada no contexto das eleições norte-americanas, provocando reações diversas (recorte 1), passou a figurar também no contexto das eleições brasileiras (recortes 2, 3 e 4), denunciando uma aproximação entre os cenários políticos dessas nações e suas respectivas instituições.

Em nenhum dos recortes enunciativos de 2017, a expressão entre aspas recebe tradução, nem nas manchetes nem nas linhas finas, de modo que o leitor precisa recuperar, na historicidade dos discursos relacionados à sociedade estadunidense, *fake news* como signo a ser reconhecido na condição de pertencente ao semiótico da língua inglesa e como palavra a ser compreendida na sintagmatização com outras formas em língua portuguesa. Essa noção de *historicidade* está relacionada ao fato de que o discurso carrega a *história de enunciações* (Silva, 2009) da expressão, que se produz na “continuidade e temporalidade que se engendram no presente da enunciação [...], entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (Benveniste, 1989, p. 86).

Esse procedimento caracteriza o segundo movimento discursivo, o qual apresenta a compreensão das *fake news* como um problema que exige combate e solução. No recorte enunciativo 1, a expressão está ligada ao contexto norte-americano, o que se depreende a partir da reação de Obama, ex-presidente dos EUA, quanto à busca por soluções (“censura é pior solução”) para frear os efeitos negativos da proliferação das *fake news* (“crise”). Destaca-se, ainda, a forma adverbial “na internet”, restringindo essa “crise” ao espaço virtual.

Recorte enunciativo 1 – *Folha de S. Paulo*

MUNDO

Para Obama, censura é pior solução para crise das “fake news” na internet

5.out.2017 às 15h42

A expressão desliza do cenário político norte-americano para o brasileiro, no qual mantém sua caracterização negativa, constatada a partir da necessidade de “combate” (recorte 2) e “trabalho contra” (recorte 3) a serem empreendidos por meio de “ação federal” (recorte 1) executada por distintos agentes de instituições federais: “Chefe da Polícia Federal” (recorte 3) e “Gilmar Mendes”, “Presidente do TSE” (recorte 4), nestes casos.

Recorte enunciativo 2 – *GaúchaZH*

POLÍTICA

Entidades reagem a ação federal do combate a ‘fake news’

06/11/2017 – 8h27min

Recorte enunciativo 3 – *Folha de S. Paulo*

PODER

Chefe da Polícia Federal defende trabalho contra ‘fake news’

16.nov.2017 às 15h56

Recorte enunciativo 4 – *GaúchaZH*

CAMPANHA ELEITORAL

Gilmar Mendes prevê dificuldades com “fake news” nas eleições de 2018

Presidente do TSE prevê que haverá desafios extras em razão de quantidade de candidatos, caixa 2 e crime organizado

15/12/2017 – 22h21min

Percebemos que a expressão conserva, no discurso vinculado à sociedade brasileira (recortes 2, 3 e 4), parte do valor que tinha na sociedade e na língua da qual veio (recorte 1), valor este que cabe ao leitor recuperar, a partir de engendramento de *fake news* com expressões do contexto político, uma vez que não há, nem nas manchetes tampouco nas linhas finas dos recortes selecionados, inserção da tradução ou de qualquer outro termo com valor associado à tradução. Alia-se a isso o emprego das aspas, que confere à expressão o estatuto de ingressante no universo discursivo brasileiro.

Empregos da expressão *fake news* em 2018

Nos recortes enunciativos de 2018, destacamos três movimentos discursivos: 1) incorporação instável do estrangeirismo *fake news* ao português brasileiro; 2) acentuação da caracterização

negativa do fenômeno das *fake news*; e 3) indicação crescente da necessidade de combate ao problema das *fake news*.

A instabilidade que marca o primeiro movimento discursivo é ilustrada, no *corpus*, por dois procedimentos acessórios. O primeiro procedimento envolve formas oscilantes de marcação de gênero do determinante que acompanha a expressão estrangeira em sintagmas nominais e preposicionais: a quase totalidade dos recortes flexiona o determinante no feminino (cf. recorte 5 – “Te liga, eleitor: como identificar *as fake news*?”); porém, dois recortes o flexionam no masculino (cf. recorte 6 – “Revista alemã expõe *seu maior fake news*”). Já o segundo procedimento implica formas oscilantes de notação tipográfica da expressão *fake news*: na grande maioria dos recortes, ela comparece *sem* aspas (cf. recortes 5 e 6); contudo, em alguns recortes, ela ocorre *com* aspas (cf. recorte 7).

Tal oscilação morfológica e tipográfica, ainda que aponte uma instabilidade do estrangeirismo anglófono em sua inserção no semiótico do português brasileiro, é atenuada pelo predomínio de formas que gradualmente se consagram no semântico (no uso), quais sejam: a flexão no feminino e a ausência de aspas mediante os cada vez mais frequentes reconhecimento e compreensão da expressão estrangeira pelos falantes da língua portuguesa.

Recorte enunciativo 5 – *GaúchaZH*

VÍDEO

Te liga, eleitor: como identificar as fake news?

Notícias falsas podem atrapalhar e até influenciar o resultado das eleições

19/09/2018 – 13h53min

Recorte enunciativo 6 – *Folha de S. Paulo*

Revista alemã expõe seu maior fake news: os diários falsos de Hitler

Anunciados como sensação pela Stern em 1983, supostos diários logo se revelaram fraude

22.out.2018 às 2h00

Recorte enunciativo 7 – *GaúchaZH*

PARIS

História das ‘fake news’ antes da era Trump

12/07/2018 – 16h8min

O segundo movimento discursivo apreendido dos recortes de 2018 é o que designamos como acentuação da caracterização negativa do fenômeno das *fake news*. Os procedimentos enunciativos que concretizam esse movimento remetem ao que Benveniste nomeia de *modalidades formais*, sendo umas atreladas aos verbos e outras, à fraseologia. Trata-se de expedientes linguísticos que “engatam” o locutor em sua locução e registram sua atitude de locutor em relação àquilo que enuncia.

Em nosso *corpus*, a modalização manifesta-se através de formas nominais (cf. recorte 8 – “A *praga* das fake news”), formas verbais (cf. recorte 9 – “*estão esquartejando* as notícias verdadeiras”),

formas adjetivais (cf. também recorte 9 – “Grupos de pessoas *mal-intencionadas*”) e formas adverbiais (cf. recorte 10 – “são investigados se agiram ou não *de má fé*”).

Essas formas modalizadoras indicam periculosidade, revestindo com uma carga semântica negativa os contextos de ocorrência do estrangeirismo *fake news*. Além disso, a modalização verbal e fraseológica ilustra a interpenetração gramática/léxico, o que parece estar relacionado – nos termos de Silva (2009) – ao cruzamento semântico/semiótico e ao imbricamento sintagma/paradigma: o locutor opera escolhas (o que, vale ressaltar, não supõe intencionalidade) no léxico do semiótico, dentre as possibilidades paradigmáticas que o sistema lhe oferta, atualizando sintagmaticamente, na gramática da frase, os signos em palavras. Nessa relação, evidencia-se a *transversalidade enunciativa* (Flores, 2011), uma vez que é a enunciação que promove esse jogo entre níveis e unidades da língua convertida em discurso pelo locutor. Assim, na relação forma-sentido, condicionada pela enunciação, ao combinar-se no discurso com os termos nativos, a expressão estrangeira vai reivindicando cada vez mais pertença à língua para a qual transita.

Recorte enunciativo 8 – *GaúchaZH*

REDES SOCIAIS

A praga das fake news

Com a proximidade das eleições, população precisa ficar atenta a veracidade do que é compartilhado nas redes sociais

25/07/2018 – 18h27min

Recorte enunciativo 9 – *GaúchaZH*

DESINFORMAÇÃO

Fake news: fomos atacados por uma epidemia digital

Grupos de pessoas mal-intencionadas, independentemente de partidos políticos e classes sociais, então es-
quartejando as notícias verdadeiras

18/10/2018 – 14h20min

Recorte enunciativo 10 – *GaúchaZH*

SERRA

Polícia identifica moradores de Vacaria que compartilharam fake news sobre sequestro de crianças

Inquérito foi instaurado pela delegacia local e quatro moradores são investigados se agiram ou não de má-fé

30/10/2018 – 12h42min

Por fim, o terceiro e último movimento discursivo verificado nos recortes de 2018 é o que definimos como indicação crescente da necessidade de combate ao problema das *fake news*. Se no segundo movimento estavam em questão, predominantemente, “as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia” (Benveniste, 1989, p. 90), neste terceiro, “Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada” (Benveniste, 1989, p. 230).

Dito de outro modo: se antes era o *emprego da palavra* que estava no centro da discussão, agora, é o *sentido da frase* que reclama protagonismo, sentido este que “está na totalidade da idéia percebida por uma compreensão global” (Benveniste, 1989, p. 232) e que implica referência à situação discursiva. Aqui, os procedimentos acessórios da enunciação são mais difíceis de categorizar, pois se trata da própria semantização da língua na sintagmatização do discurso, como testemunham os sentidos de alerta e prevenção e os sentidos de enfrentamento e resolução que acompanham a expressão *fake news*, respectivamente, nos recortes 11 e 12.

Recorte enunciativo 11 – *GaúchaZH*

MENTIRAS NA SAÚDE

Vacinas são um dos alvos preferidos das fake news

Grupos que espalham notícias falsas costumam tentar contestar a eficácia e a necessidade da imunização, o que coloca toda a sociedade em risco

01/06/2018 – 16h9min

Recorte enunciativo 12 – *Folha de S. Paulo*

Combate a ‘fake news’ é defendido no Fórum Econômico Mundial

Integrantes da mesa discutiram soluções para combater fenômeno da desinformação

14.mar.2018 às 11h32

Ademais, os empregos desse estrangeirismo em contextos outros que não o político – como o contexto da saúde no recorte 11 e o contexto da economia no recorte 12 – são representativos da “variação da referência na estabilidade da significação” (Benveniste, 1989, p. 100). Isto é: a expressão *fake news* preserva algo da significação pejorativa que a caracteriza na sociedade norte-americana, onde emergiu num cenário de tensão política, mas o signo “se dilata”, de modo a se ajustar às suas atualizações como palavra em distintos contextos. Tal expansão de valores contextuais, portanto, faz desta uma unidade polissêmica, capaz “de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos” (Benveniste, 1989, p. 100, grifo do autor).

Empregos da expressão *fake news* em 2019

Nos recortes enunciativos de 2019, sublinhamos três movimentos discursivos: 1) incorporação estável do estrangeirismo *fake news* ao português brasileiro; 2) atribuição de sinonímias para a expressão estrangeira com deslizamento de sentidos da sua tradução; e 3) expansão da expressão do campo político para outros campos. Em todos esses movimentos discursivos, a sintagmatização das formas atualiza um sentido negativo para *fake news*.

A estabilidade que caracteriza o primeiro movimento discursivo decorre de dois procedimentos: a ausência de tradução e a ausência de marcas tipográficas de aspas ou de realce para a menção da forma estrangeira. Isso ocorre nos recortes tanto da *GaúchaZH* quanto da *Folha de S.*

Paulo. No recorte 13, a expressão nominal “notícias falsas” não se instancia como tradução, mas parece funcionar como recurso para o locutor não repetir a expressão *fake news*. O recorte 14, da *Folha de S. Paulo*, publicado na seção “novo em folha”, dialoga com o recorte 13, da *GaúchaZH*, ao apontar os mais velhos como campeões no compartilhamento de *fake news*, mas sintagmatiza também a sequência de que são as pessoas que “compartilham mais checagens de fatos”. Ainda que não traga a tradução da expressão, numa suposta sinonímia veicula a ideia de que as *fakes news* precisam de checagens dos fatos, produzindo, portanto, o sentido de que os fatos podem ser falsos. Já nos recortes 15 e 16, confirmamos a ausência, inclusive, de expressões associadas à tradução ou às sinonímias.

Vemos, nesses dois casos, o movimento de incorporação estável tanto da forma da expressão quanto de seu sentido, como atestamos em todos os recortes enunciativos; excepcionalmente, destacamos o 15, pois, nele, a manchete, com o enunciado em estrutura passiva, coloca *fake news* como agente responsável pela condenação do deputado. A expressão, ao figurar sintagmatizada com as construções “deputado condenado” e “disparado de seu escritório político”, evoca um sentido ligado à ilegalidade (condenação). Esse sentido adquire força também com o agenciamento de “disparados”, termo que remete a “tiros” realizados por alguém. Ademais, o termo “disparados” evoca os sentidos de rapidez e abrangência da ação, características do compartilhamento instantâneo e desenfreado de mensagens no contexto de interlocuções virtuais.

Recorte 13 – *GaúchaZH*

PESQUISA

Pessoas mais velhas compartilham mais fake news, aponta estudo

A falta de conhecimento das pessoas mais velhas pode ser uma das responsáveis pela viralização das notícias falsas por parte dos idosos

28/02/2019 – 14h42min

Recorte 14 – *Folha de S. Paulo*

NOVO EM FOLHA

Campeões nas fake news, mais velhos também compartilham mais checagens de fatos

23.jan.2019 às 14h43

Recorte 15 – *GaúchaZH*

POLÍTICA

Deputado condenado por fake news disparados de seu escritório político

05/03/2019 – 13h02

Recorte 16 – *Folha de S. Paulo*

PODER

Gilmar cita fake news e vê como natural STF retirar do ar reportagem sobre Toffoli

Supremo retoma julgamentos nesta semana em meio à crise de inquérito das fake news

22.abr.2019 às 10h08

O segundo movimento discursivo envolve a presença de sinonímias para a expressão com deslizamento de sentidos da tradução literal desta. É interessante observar que esse movimento também se vincula ao terceiro, que é o de expansão da expressão do campo político para outros campos, conforme atestamos nos recortes 17 e 18 a seguir:

Recorte 17 – *Folha de S. Paulo*

CELEBRIDADES

Evaristo Costa comenta fim de contrato de Sonia Abrão: ‘Ufa, acabaram as fake news’

Jornalista já foi alvo de alegações da apresentadora

21. mar.2019 às 08h39

Recorte 18 – *GaúchaZH*

CONTRA OS BOATOS

Facebook promete combater fake news sobre vacinas nas redes

Uma das medidas que serão adotadas é a rejeição de anúncios que tenham informações incorretas

08/03/2019 – 15h29

O recorte 17, vinculado à seção “celebridades”, reproduz o discurso direto de Evaristo Costa sobre o fim do contrato de Sônia Abraão com sentimento de alívio (“Ufa”) e a ideia de fim das *fake news* (“acabaram”). Na linha fina (subtítulo) da manchete, figura a explicação de que o “jornalista já foi alvo de alegações da apresentadora”. Nesse caso, as expressões *fake news* e “alegações” parecem estar associadas, o que evidencia um deslizamento de sentido, pois “alegação” justamente envolve argumentos e provas em favor de uma causa. Tal deslizamento nos parece relacionado à expansão da expressão para outro campo além do político. Esse terceiro movimento compareceu nos dois jornais, como ilustram os recortes 17 e 18.

Considerações finais: os caminhos enunciativos da incorporação do estrangeirismo *fake news* ao português brasileiro contemporâneo

Ao final deste estudo, retomamos as perguntas que nortearam seu desenvolvimento: *como a forma fake news se incorpora ao português brasileiro em jornais on-line? Como ela se relaciona com outras formas para produzir sentidos no discurso?*

A presença da expressão *fake news* nos jornais *on-line GaúchaZH* e *Folha de S. Paulo*, nos anos de 2017, 2018 e 2019, revelou oito movimentos discursivos que denunciam, analiticamente,

o modo como essa forma se relaciona com outras para produzir sentidos no discurso, incorporando-se ao português brasileiro contemporâneo. O quadro a seguir sistematiza esses movimentos.

Quadro 1. Quadro-síntese das análises

Ano	Movimentos discursivos	Procedimentos acessórios
2017	1) Sinalização do ingresso do estrangeirismo <i>fake news</i> no discurso em português brasileiro.	Notação com aspas simples e duplas e ausência de tradução imediata.
	2) Apresentação das <i>fake news</i> como problema a ser combatido.	Sintagmatizações produtoras de sentidos de enfrentamento.
2018	3) Incorporação instável do estrangeirismo <i>fake news</i> ao português brasileiro.	Formas oscilantes de notação (com e sem aspas, com predomínio da última) e de marcação de gênero (masculino e feminino, com predomínio do último).
	4) Acentuação da caracterização negativa do fenômeno das <i>fake news</i> .	Modalizadores verbais e fraseológicos: formas nominais, verbais, adjetivais e adverbiais indicadoras de periculosidade.
	5) Indicação crescente da necessidade de combate ao problema das <i>fake news</i> .	Sintagmatizações produtoras de sentidos de alerta, prevenção, enfrentamento e resolução.
2019	6) Incorporação estável do estrangeirismo <i>fake news</i> ao português brasileiro.	Ausência de notação com aspas e ausência de tradução imediata.
	7) Atribuição de sinonímias para a expressão estrangeira com deslizamento de sentidos da sua tradução.	Sintagmatizações produtoras de sentidos de compartilhamento, checagem de fatos e ilegalidade.
	8) Expansão da expressão do campo político para outros campos.	Sintagmatizações produtoras de sentidos de alegação e informação incorreta, relativos a celebridades e saúde.

Em 2017, constatamos o ingresso da forma *fake news* no universo discursivo da sociedade brasileira, fato sinalizado por meio de aspas simples e duplas na grafia da expressão, as quais demarcam a fronteira entre as duas línguas, português e inglês (movimento discursivo 1). A ausência de tradução mostra que os produtores das matérias supõem que o leitor compreenderá o sentido da forma estrangeira por suas atualizações em discursos anteriores. Trata-se da historicidade da relação forma-sentido da expressão *fake news*, que decorre dos discursos circulantes na sociedade e cujo resgate se apresenta como necessário para o leitor produzir sentidos a cada atualização dessa expressão e, assim, situar-se na sociedade. O sentido apreensível nos recortes enunciativos de 2017 é o vinculado ao campo político

(primeiro ao norte-americano, em seguida ao brasileiro). A escolha e o agenciamento de palavras nos enunciados produzem, semanticamente, a caracterização das *fake news* como um problema a ser combatido (movimento discursivo 2).

Já em 2018, as formas oscilantes de notação (ora com aspas, ora sem aspas) e de marcação de gênero (ora no feminino, ora no masculino) evidenciam a incorporação instável da forma estrangeira (movimento discursivo 3); a carga semântica negativa de que se reveste a expressão é instanciada por meio de modalização verbal e fraseológica (movimento discursivo 4), de modo que há a intensificação da necessidade de combater o problema das *fake news* (movimento discursivo 5), sentido global ao qual se chega pelo agenciamento sintagmático.

Em 2019, a incorporação da expressão estabiliza-se por meio da notação desta (sem aspas) e da ausência de tradução (movimento discursivo 6), embora haja noções próximas ou associadas à expressão estrangeira agenciadas em uma organização sintática dela distante – por exemplo, a manchete contém a expressão e a noção associada está na linha fina da notícia. Tal fato reitera que é pela historicidade da relação forma-sentido da expressão *fake news* que o leitor produzirá sentidos a cada atualização dessa expressão. Na relação sintagmatização-semantização, essa forma evoca sentidos negativos, por carregar valores da cultura de nossa sociedade contemporânea e tecnológica, que, ao mesmo tempo que lê e compartilha rapidamente a informação, também desacredita e coloca à prova a informação veiculada com novas informações. Esse sentido negativo ligado à expressão vem da sua tradução (*notícias falsas*) e, principalmente, do valor que tem na sociedade a que originalmente se vincula. Ao transitar para uma outra sociedade, tal lexema carrega o valor que tem enquanto signo na língua e na sociedade de origem, mas é preenchido por outros sentidos ao se sintagmatizar no discurso com as formas do português, língua interpretante de outra sociedade, a brasileira (movimentos discursivos 7 e 8).

A partir dessa síntese analítica, podemos responder teoricamente às nossas perguntas norteadoras: compreendemos que o funcionamento da língua-discurso é a porta de entrada do estrangeirismo na estrutura da língua-sistema à qual ele se incorpora. Nesse funcionamento, em que se recobrem léxico e gramática, semiótico e semântico, paradigma e sintagma, sintagmatização e semantização, a maneira como a forma estrangeira se relaciona com as formas nativas para produzir sentidos no discurso ratifica a transversalidade enunciativa (Flores, 2011), isto é, o atravessamento, pela enunciação, da língua em todos os seus níveis e unidades. Nesse atravessamento, realizado por cada locutor, ao constituir-se *eu* em face de um *tu*, no *aqui-agora* de cada situação discursiva, para falar de um *ele* sob a chancela da cultura, a língua é atualizada em discurso.

Tal atualização ocorre sempre em práticas sociais, as quais envolvem uma rede de relações espaciais e temporais que condicionam os modos de enunciação, pois cada locutor enuncia e, ao enunciar, situa-se como sujeito no discurso – o que assegura a variação da referência –, mas também como participante da sociedade – o que garante a estabilidade da significação. É por isso que a forma estrangeira armazena uma porção do valor que tem enquanto signo na língua de partida, porém, ao conectar-se em relações sintagmáticas com as formas da língua de chegada, abastece-se de sentidos outros, particulares a cada contexto. Nesse trânsito por variados usos da língua-alvo, a expressão adquire uma espessura semântica, tornando-se uma unidade polissêmica, que condensa em sua compleição sígnica

“a soma institucionalizada [...] destes valores contextuais, sempre instantâneos, aptos a se enriquecer e a desaparecer, em resumo, sem permanência, sem valor constante” (Benveniste, 1989, p. 232).

Nessa circulação em diversas situações, pouco a pouco, o estrangeirismo vai se historicizando, numa relação de continuidade e temporalidade que se engendra no presente da enunciação, e vai conquistando um estatuto semiótico, que o faz passar da condição de palavra compreendida como estrangeira a signo reconhecido “na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua” (Benveniste, 1989, p. 227), no caso o português brasileiro. Em outras palavras, é a semantização historicizada do estrangeirismo *fake news*, no uso da língua-discurso (modo semântico), que permite seu reconhecimento como forma da língua-sistema (modo semiótico) em novos usos e num movimento de incorporação à língua portuguesa.

Por fim, concluímos nossa exposição ressaltando a potencialidade teórico-analítica da Teoria da Linguagem de Benveniste para a abordagem de fenômenos languageiros que, como a incorporação de estrangeirismos ao português brasileiro contemporâneo, desvelam a indissociável relação entre língua, indivíduo e sociedade. Afinal, como bem formula o mestre, “É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos” (Benveniste, 1989, p. 104). Parece-nos que a incorporação de estrangeirismos é um desses traços e mostra “o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua sobre ela mesma de algum modo” (Benveniste, 1989, p. 21).

Referências

BENVENISTE, É. 1989. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 294 p.

BENVENISTE, É. 1995. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 387 p.

BIDERMAN, M.T.C. 2001. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo, Martins Fontes, 356 p.

FLORES, V.N. 2011. A enunciação e os níveis da análise linguística. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO – SITED*, 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, Edipucrs, p. 396-402.

FLORES, V.N. 2013. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1ª ed. São Paulo, Parábola Editorial, 200 p.

SILVA, C.L.C. 2009. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, Pontes Editores, 297 p.

Submetido: 26/06/2019

Aceito: 03/10/2019